



CORREIO DE COIMBRA

SEMANÁRIO DA DIOCESE DE COIMBRA | DIRETORA: SÓNIA NEVES

ANO 105 | N.º 5069 | 4 DE JUNHO DE 2026 | GRATUITO



«Corpo de Deus»

com Nunes Pereira

VISITE-NOS EM WWW.CORREIODECOIMBRA.PT

DESTAQUES

05 DIOCESE

ROTEIRO DE JUNHO

Rezar pela Igreja diocesana

CONSELHO PRESBITERAL

Censos da prática religiosa e
Assembleias Sinodais

06 GRANDE PLANO

«CORPO DE DEUS»

Com Monsenhor Nunes Pereira

15 PARA NOS PENSARMOS

OPINIÃO DE QUEM NOS ACOMPANHA

Jorge Cotovio; CDJP

FICHA TÉCNICA

PROPRIEDADE

Seminário Maior de Coimbra
Contr. n.º 500792291
Registo n.º 101917
Depósito Legal n.º 2015/83

DIRETORA

Sónia Neves (CP 5775)

ADMINISTRAÇÃO E EDIÇÃO

Communis Missio
- Instituto Diocesano de Comunicação
Centro Pastoral Diocesano Coimbra
Rua Domingos Vandelli, n.º 2
3004-547 Coimbra

GRAFISMO / PAGINAÇÃO

Frederico Martins - fredericomartins.pt

REDAÇÃO

Rua Domingos Vandelli, 2
3004-547 COIMBRA
redacao@correiodecoimbra.pt
Telef. 239 792 344 (Chamada para a rede fixa nacional)

DONATIVOS

assinaturas.jornal@gmail.com

SUPLEMENTO

suplemento@correiodecoimbra.pt

COLABORADORES

Os artigos de opinião são da
responsabilidade dos seus autores.
As imagens e textos da secção Suplemento
"Igreja Viva" são da responsabilidade
dos respetivos colaboradores.

ESTATUTO EDITORIAL

www.correiodecoimbra.pt

PUB

Porto | Coimbra | O. Azeméis | Leiria | Lisboa

FREGO
CORRETORES DE SEGUROS • INSURANCE BROKERS

+45 anos
De experiência na gestão de soluções
diferenciadoras para riscos empresariais

www.frego.pt
geral@frego.pt

F. REGO - Corretores de Seguros, S.A. Mediador de Seguros inscrito em 27-01-2007 na ASF, categoria de Corretor de Seguros n.º 607110281/3, com autorização para os ramos Vida e Não Vida (www.asf.com.pt). A F. REGO não assume a cobertura dos riscos contratualizados.

CORREIO DE
COIMBRA

Semanário da Diocese de Coimbra



Começa a viagem!


Nesta semana, em que as ruas da nossa Diocese, e diria de muitas cidades ao nível nacional, se aprimoram para celebrar a Solenidade do Corpo de Deus, o Correio de Coimbra inicia uma viagem que pretende ser, simultaneamente, uma descoberta cultural e uma proposta de caminho.

Ao longo das próximas nove edições, o Grande Plano deste semanário vai dar vida a um roteiro turístico, artístico e espiritual, inteiramente dedicado ao imenso legado de Monsenhor Nunes Pereira. Inserido nas comemorações do seu centenário, sob o lema “Do Nascimento ao [re]nascimento”, este projeto nasce para ser um mapa de estrada.

Monsenhor Nunes Pereira foi, por excelência, o homem que soube ler a alma da Beira Serra e transportá-la para a eternidade. Ao transformar o xisto rude, ao cinzelar a madeira ou ao rasgar as paredes dos nossos templos com a luz colorida dos vitrais, este sacerdote artista não fez apenas arte sacra; ele deixou uma catequese viva e palpável, espalhada por dezenas de paróquias da nossa Diocese, e não só.

Nesta primeira paragem, partindo precisamente da solenidade do Corpo de Deus, desafiámos o Chefe Luís Lavrador e o investigador João Pedro Gomes a sentarem-se connosco à mesa. A entrevista resulta numa reflexão sobre a envolvimento da Última Ceia, o pão, o vinho e a toalha como marcas da nossa própria identidade e civilização.

O convite que hoje deixamos a cada leitor, a cada família e a cada comunidade de Coimbra é o de ir para lá da leitura. Desejo que este roteiro possa ser um pretexto para fazer uma visita a um destes locais neste verão. Visitar as “Últimas Ceias” que o Monsenhor plantou entre Fajão e a cidade de Coimbra é uma oportunidade única de fazer turismo de proximidade, de valorizar o património do nosso interior e, acima de tudo, de nos deixarmos interpelar pela beleza que evoca a transcendência.

A engenharia da fé de Nunes Pereira desafia-nos a olhar para o que nos rodeia com outros olhos. Falecido há 25 anos mas muito vivo nas comunidades que o conheceram e nas peças que ainda interpelam. A nossa Diocese está cheia de tesouros escondidos; o Correio de Coimbra apenas abre a porta. E, se não tiver tempo para ler todo o Grande Plano em cada edição, saiba que pode ouvir tudo no nosso [podcast](#). 



ÍNDICE

05 DIOCESE



06 GRANDE PLANO

15 PARA NOS PENSARMOS

18 CAMINHO SINODAL

22 LITURGIA

27 AGENDA



COMO COLABORAR!

Numa lógica de serviço eclesial e de evangelização, o jornal diocesano *Correio de Coimbra* passou a ser gratuito na sua nova edição em suporte digital.

Comporta, contudo, custos.

Se quiser ajudar a Diocese de Coimbra a suportar financeiramente este serviço, poderá fazê-lo junto dos serviços administrativos (Seminário Maior, Casa Nova) ou por transferência bancária para o IBAN:

PT50 0018 0003 4059 0291 0201 3

Titular da conta é a COMMUNIS MISSIO - Instituto Diocesano de Comunicação.
Banco: Santander Totta S.A.

Ao fazer transferência bancária, pedimos o favor de nos **enviar o comprovativo** da mesma **para** o email **assinaturas.jornal@gmail.com**, identificando o nome da pessoa/entidade e o NIF.

O *Correio de Coimbra* é **um serviço gratuito** à missão evangelizadora da nossa Diocese.

Colabore com o seu donativo para o manter e qualificar.

Muito obrigado.



DIOCESE



Conselho Pastoral Diocesano debateu a missão da Igreja no “Continente Digital”

O Conselho Pastoral Diocesano de Coimbra reuniu-se, no passado dia 23 de maio, para a sexta sessão do seu atual mandato, sob o tema “a missão da Igreja diocesana no ambiente digital”.

[LER MAIS >](#)



Conselho Presbiteral projeta censos da prática religiosa e Assembleias Sinodais para 2027

Na última reunião ordinária do ano pastoral, o órgão consultivo diocesano focou-se no levantamento estatístico das festas paroquiais, na contagem anual da participação na Missa dominical...

[LER MAIS >](#)



Roteiro de junho propõe oração pela Igreja diocesana

A diocese de Coimbra lança o “roteiro espiritual” para o mês de junho com a intenção de valorizar a pertença comum à Igreja Diocesana de Coimbra.

[LER MAIS >](#)





«MISTÉRIO DA EUCARISTIA» ATRAVÉS DA ARTE

Na solenidade do Corpo de Deus, o Correio de Coimbra inaugura um roteiro através da arte. Conhecer a obra do Monsenhor Nunes Pereira, em vários locais da diocese, leva à descoberta do mistério da fé.



EM PARCERIA COM A
COMISSÃO DIOCESANA DO TURISMO
E OFICINA MUSEU MONSENHOR NUNES PEREIRA



Xilogravura na capela da Mata, Pampilhosa da Serra

Última Ceia, a primeira etapa

Numa feliz coincidência com a solenidade do Corpo de Deus, a primeira paragem deste roteiro convida a descobrir como o artista immortalizou o mistério da Eucaristia e da Última Ceia.

No dia em que a Igreja se mobiliza para celebrar solenemente o Corpo de Deus, manifestando publicamente a sua fé no mistério da Eucaristia, o *Correio de Coimbra* propõe o primeiro passo de um roteiro turístico, artístico e espiritual único pelas pela obra do Monsenhor Nunes Pereira.

A primeira etapa deste roteiro é inteiramente dedicada a um dos temas mais repetidos e geniais na obra de Nunes Pereira: a Última Ceia.

Para o Monsenhor, a Ceia do Senhor nunca foi um acontecimento estático. Ele desafiou a matéria para provar que a Eucaristia é uma realidade viva. Recorrendo ao xisto rude que evoca as suas origens na Pampilhosa da Serra, rasgando as paredes com vitrais que inundam os altares de luz e cor, ou cinzelando relevos geométricos em madeira e pedra, Nunes Pereira espalhou pela Diocese várias representações da Última Ceia que são verdadeiras catequeses visuais.

“Lembro-me bem desta peça chegar à capela”, revela umas das conterrâneas de Nunes Pereira, na capela da Mata, espaço onde o Monsenhor celebrou a Missa Nova.



É com orgulho que contam que conheceram Nunes Pereira. Na pequena capela da Mata, na Pampilhosa da Serra, onde há apenas a festa anual, a xilogravura de Nunes Pereira, na mesa do altar, mostra a última Ceia. Não há data da peça mas, asseguram ali ter chegado há cerca de 50 anos. Os traços não deixam dúvidas de quem foi o autor e os presentes confirmam, “é da terra, é Nunes Pereira”.

E ali, ao fim de uma tarde de primavera, com a serra por cenário, se evocou o artista, se recordou o seu pai e algumas figuras que ainda permanecem na memória de quem é dali, ali vive e sustenta a sua fé.

A reportagem tinha de trazer esta peça em primeiro lugar pelo simbolismo de “começar o caminho”. Mas há muitas “Últimas Ceias” de Nunes Pereira.

Na igreja de Nossa Senhora da Conceição de Vermoil, em Pombal, a D. Lúcia prontamente recebe o *Correio de Coimbra* e tem gosto em mostrar “o melhor que esta igreja tem”.

Da porta, olha-se para cima, eis uma xilogravura de Nunes Pereira.



Igreja de Nossa Senhora da Conceição de Vermoil, Pombal

“Vêm cá ver essa peça? É muito linda, vale a pena”, diz uma senhora de cabelos brancos, que sai da sua oração da manhã. Contou não saber quem é o autor mas que a peça ali estava desde a construção da Igreja, iniciada em 1961 mas só inaugurada a 6 de setembro de 1975.

A celebração da Última Ceia é como um local de encontro com a própria pessoa, de conversação e de perdão; onde o outro é mais importante, onde a vida é celebrada. Nesta peça é necessário olhar para o alto para a apreciar.

A cerca de 15 km, também no concelho de Pombal, avista-se a imponente igreja de Santo Elias de Carnide. Mena e o marido aguardam o *Correio de Coimbra* para abrir as portas do espaço, com várias obras de Nunes Pereira, e mostram curiosidade para saber mais.



Xilogravura na Igreja de Vermoil



A Igreja, construída em 1965 e dedicada a Santo Elias, acolhe cerca de 400 pessoas a cada celebração. No altar mor, bem no alto, uma nova peça de Nunes Pereira: uma Última Ceia, em vitral.

Este vitral complementa o conjunto iconográfico onde se destaca o padroeiro, S. Elias, criando um ambiente de luz e cor característicos do traço modernista e expressivo de Nunes Pereira.

“É muito bonito e dá cor ao altar. Agora colocámos uma luz por fora, para que, à noite, e por fora da Igreja, quem passe possa ver o vitral”, explicam os anfitriões.

De destacar ainda na Igreja o vitral de Nunes Pereira junto à pia baptismal, devidamente assinado, e as imagens de S. Elias e N. Sra. das Graças que, segundo informações, terão sido projetadas por Nunes Pereira.

De regresso à cidade de Coimbra, entramos na escola Avelar Brotero, antiga Escola Industrial e Comercial. Numa manhã quente de primavera, onde os alunos estão silenciados nas salas de aula, o professor de Desenho, Antonino Santos Neves, encaminha o Correio de Coimbra até ao refeitório. A porta abre-se e os típicos cheiros misturados, da sopa e da confeção do almoço, convidam a ficar.



Interior Igreja de Carnide

Na parede de fundo está uma obra de Monseñor Nunes Pereira, datada de 1962, projetada por ele e executada naquela escola, pelo professor António Balhau.

“São barras de metal, quadrangular, todas da mesma espessura, exceto os xadrez, que são chapas mais largas, portanto, tem o suporte para criar este efeito mais de pano de fundo”, explica o docente.



Igreja de Santo Elias de Carnide, Pombal



Vitral Igreja de Carnide

A peça de 4 metros de comprimento mostra a Última Ceia, toda feita em linhas paralelas, “uma técnica usual em Nunes Pereira”, com um jogo de sombras.

“Vemos isso em quase todos os trabalhos dele, porque ele trabalhava assim as sombras, não preenchia as superfícies, mas com a aproximação daquele traçado paralelo, criamos uma sombra, uma mancha, até conseguimos ver nos cabelos, claro, escuro, onde as linhas são mais próximas é mais escuro, onde estão mais afastadas é mais claro, portanto, o efeito visual é esse, nós conseguimos apenas com linhas, de certa forma, identificar o volume, numa peça bidimensional”, indica Antonino Santos Neves.

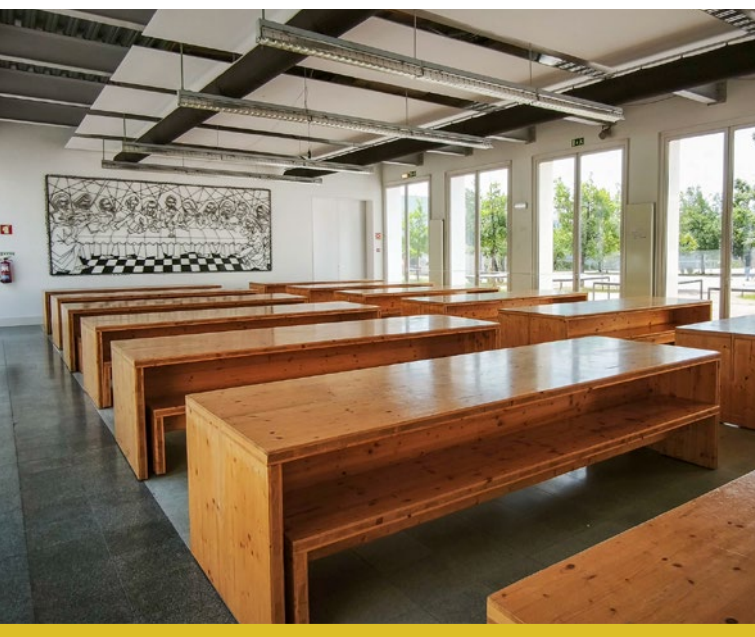
“Na peça podemos ver expressão dos olhos e dos rostos também, onde ele conseguia fazer com uma grande mestria, e temos aqui uma figura em destaque do lado direito, que é o Judas, com o saco bem enrolado e apertado na mão, com o volume pelas linhas, e pelo olhar dele também”, acrescenta.



Professor Antonino Santos Neves

Cidália Santos, da Oficina Museu Nunes Pereira, alerta ainda para a observação do cálice, “elemento diferente nas várias últimas ceias” do artista, onde “quase se podia fazer uma história também sobre o cálice”, mas também “na forma como Cristo parte o pão”.

A obra em destaque encontra-se em exposição permanente no refeitório da escola, um espaço onde a comunidade escolar e visitantes podem observar esta representação clássica, que vai passando despercebida.



Escola Avelar Brotero

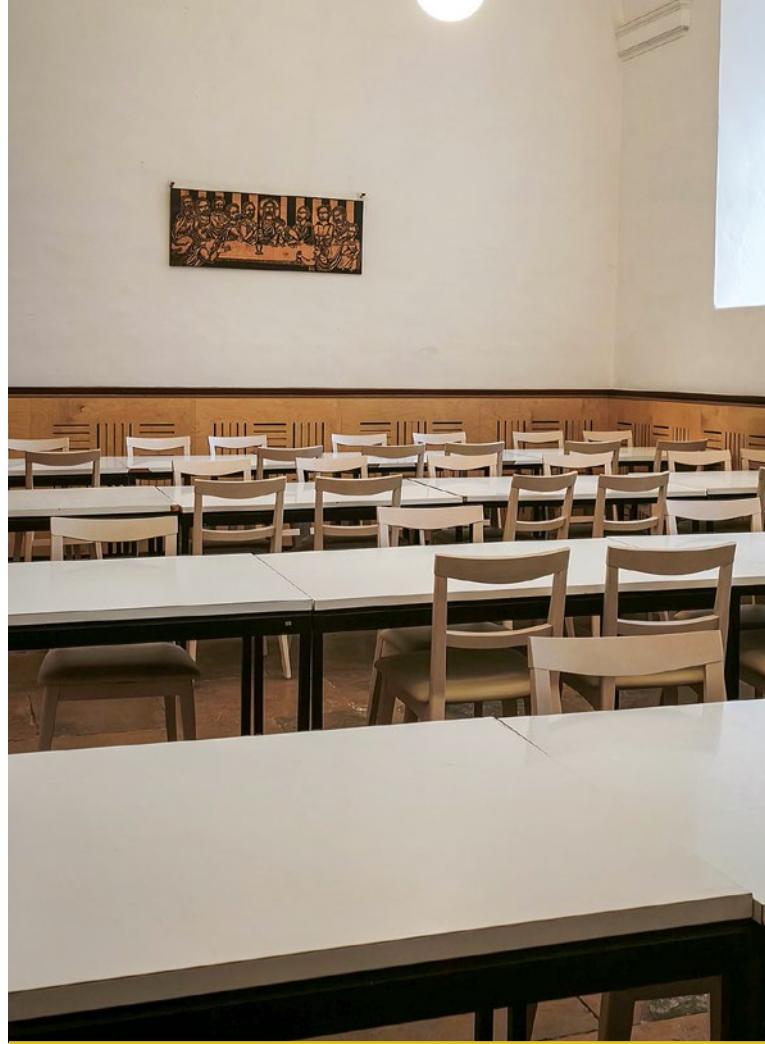


E a última peça de Monsenhor Nunes Pereira que mostra a Última Ceia está no refeitório pequeno do Seminário Maior de Coimbra, onde ali viveu.

“Jesus à mesa, ao centro, ladeado de seis apóstolos de cada lado, o pão e o cálice ao centro a serem abençoados e a ação de graças, evocada de vários modos, por parte de cada um dos apóstolos”, apresenta-nos Cidália Santos.

Num espaço que acolhe tantas refeições, de diferentes públicos da diocese de Coimbra, e fora dela, a “Última Ceia” em xilogravura (gravura em madeira), considerada uma das suas obras mais belas nesta técnica, destaca-se na parede branca.

Nesta reportagem fica a sugestão de visita a alguns locais onde o traço inconfundível do Monsenhor Nunes Pereira nos convida a comungar da beleza e do mistério, um percurso que permite “saborear”, interiorizar e valorizar o significado da mesa, do alimento e da presença do outro na vida, na comunhão, Corpo de Cristo. 📍



Refeitório pequeno do Seminário Maior de Coimbra



LUÍS LAVRADOR E JOÃO PEDRO GOMES

Nunes Pereira «tentou imortalizar o pão e o vinho»



O Chefe Luís Lavrador e o investigador João Pedro Gomes, ambos professores na Escola de Hotelaria e Turismo de Coimbra, foram desafiados a olhar a simbologia do Pão e do Vinho nesta solenidade, alinhados à arte de Nunes Pereira.

Chegou a conhecer o Monsenhor Nunes Pereira?

Luís Lavrador: Conheci o Monsenhor pessoalmente. Conheci-o por meio do meu irmão, que na altura era reitor do seminário. Conversei com ele por duas ou três vezes e ainda o vi a trabalhar numa "Última Ceia", que aliás tenho em minha casa.

Que postura é que ele tinha a trabalhar?

Luís Lavrador: Tinha uma postura muito serena. Quando estava a trabalhar a madeira, eu acho que ele estava num outro mundo, não estava cá. Foi uma convivência fugaz, mas o Monsenhor era uma figura extraordinária do ponto de vista da sua religiosidade e daquilo que representava.

Nunca cozinhou para ele?

Luís Lavrador: Não, nunca cozinhei, tenho muita pena.

Se calhar fazia-lhe uma "comida santa", inspirada no texto bíblico. Ele devia ser de gostos muito simples: a sopinha, o guisadinho, o pãozinho... as coisas muito frugais. A sofisticação dele era outra:



Vitral Igreja de Fajão



era a arte, o gosto, a transcendência. Era uma pessoa um bocadinho acanhada, fechada, mas com uma alma enorme.

Qual o significado de ter uma peça dele na sua sala?

Luís Lavrador: Olho para ela todos os dias e lembro-me dele e do que a Última Ceia representa. É uma peça importantíssima. Às vezes, quando a emprestava para alguma exposição, até as minhas netas sentiam falta: "*Falta aqui uma coisa, avô*". O que faz essa recordação é torná-lo sempre presente, uma figura que para nós já quase tinha uma dimensão divina.

Como é que a arte de Nunes Pereira se cruza com os elementos da mesa, o pão e o vinho?

Luís Lavrador: Olhar para uma peça do Monsenhor Nunes Pereira associando aí o pão e o vinho é olhar para uma obra onde ele tentou imortalizar esses dois alimentos. Ele quis representar Jesus Cristo na sua totalidade, enquanto homem e enquanto Deus, pronto a ser apreciado por cada ser humano. E representou isso como ninguém através da sua mestria e dos materiais que escolheu, como o madeiro.

Na gastronomia e na história, que significados encerram estes símbolos — o pão, o vinho e a toalha?

João Pedro Gomes: O simbolismo do vinho e do pão como marcas do engenho humano é muito ante-



NUNES
PEREIRA

Do nascimento ao [re]nascimento
03.12.2025 09.12.2026

rior ao cristianismo. No mundo mediterrânico, o pão já era o primeiro alimento antes de chegar à

Última Ceia. Pão e vinho representam o engenho humano no seu melhor: exigem plantar, colher, moer, esmagar e passar por processos invisíveis como a fermentação. O cristianismo, nascendo no contexto greco-romano, vai beber disto: o que estava na mesa era de facto o pão e o vinho, e não a água.

Luís Lavrador: Mas repara, João, que antes desse pão e do vinho, na tradição, estava o cordeiro. Há ali uma transmutação e uma separação da carne sacrificial. O pão e o vinho é que fazem a passagem e permanecem na história.



E quanto ao cálice e à toalha?

Luís Lavrador: O cálice tem uma complexidade enorme, mas transporta uma simbologia de igualdade. Colocado no centro da mesa, põe o vinho à disposição de todos por igual. Na Bíblia, o cálice tanto é partilha e alegria, como representa o sofrimento, no momento em que Cristo diz "*afasta de mim este cálice*". Já a toalha tem uma função histórica de dignificar e cobrir. A mesa, enquanto móvel de luxo ou de convívio, é algo muito recente na história. Antigamente comia-se num tampo em cima de um tripé. A toalha fazia tudo o resto.

João Pedro Gomes: Claramente. Está muito ligado ao período medieval e à sacralização do espaço. A toalha existe para marcar uma distinção física: diz-nos que dali para cima é outro universo, como o véu do Antigo Testamento que separa o sagrado do profano. A partir da Idade Média, torna-se inconcebível uma mesa onde se coma sem toalha, tal como na Igreja é inconcebível um altar sem ela.

Luís Lavrador: E isso mantém-se nas nossas casas de família, quando vemos o pão tapado com um pano. São gestos repetidos há 5 ou 6 mil anos que ficaram gravados na nossa genética cultural. 📌





PARA NOS PENSARMOS



Brincar com coisas sérias...

Jorge Cotovio | jfcotovio@gmail.com

Junho é um mês propício para brincar com coisas sérias, para “gozar com quem trabalha” (para a Igreja), para pular com os Santos Populares que, com esse ar castiço, dão vida e ânimo a tanta gente – até aos que pouco nos ligam!

Dancemos, pois, com Santo António, com S. João, com S. Pedro. E ousemos converter também em alegria exterior a tão proclamada “alegria interior” – uma alegria tantas vezes camuflada pelas “caras de vinagre” denunciadas pelo Papa Francisco.

Vamos ser sinceros: a nossa Igreja tem, normalmente, um ar muito “sisudo”. Quebremos, pois, esse ar bolorento e deixemo-nos levar pelo sopro do Espírito – um ar bem arejado que até nos faz levantar os pés e dançar!

Há pouco tempo foi publicado o livro *Uma Igreja que ri*, de José Eduardo Franco e Cristiana Lucas Silva. Folgo pela iniciativa e pela mensagem subjacente. A Igreja tem de ser mais alegre, os cristãos mais simpáticos e sorridentes. Porque a alegria interior só é visível se a exprimirmos através de gestos bem animados...

Com Francisco ainda muito presente no nosso presente (ainda bem!), recordo que na Exortação Apostólica *Gaudete et Exsultate*, “sobre a chamada à santidade no mundo atual”, ele dedica **um dos capítulos** à “alegria e sentido de humor”. O recado começa logo no título: “Alegrai-vos e exultai”, citando Jesus Cristo...

A alegria – por vezes “criativa” – deve, pois, comandar a nossa vida e as nossas atitudes.

A Joana, de 4 anos, e o Francisco, de 5 e tal, também gostam muito das brincadeiras do avô. Estando mais perto dele do que os outros três primos, têm muitas oportunidades para o atuar. Calha, às vezes, ser logo de manhã. Enquanto tomam o pequeno-almoço, lembrei-me de aproveitar para rezar com eles a liturgia do dia. Ora os 50 dias após o domingo de Páscoa, através dos Atos dos Apóstolos, foram férteis em nomes “esquisitos”: Barsabás, Silas, Timóteo, Barnabé, Nicodemos, Tito, Teófilo, Galião, Priscila, Áquila, Sóstenes, Apolo, Festo, Félix, Agripa, Berenice... Para não falar em nomes de localidades, como Samotrácia, Antioquia, Tiatira, Frígia, Panfília, Acaia, ou povos antigos como Partos, Medos, Elamitas...



É claro que esses nomes despertaram a sua curiosidade. E porque não cantá-los com a música dos “Parabéns a você”? Que ideia fabulosa!!! Ora vejam:

Sós, sós, sós, sós-te-nes, Sós...

Barnabé, bé, bé, bé, Barnabé, ...

Ti, ti, ti, ti-mó-teo, Ti...

Até a Joana começou a alinhar na brincadeira... Mas o Francisco, notando que Paulo aparecia sempre em todas as “histórias” (como eles dizem), não o esqueceu, apesar de ser um nome muito comum:

Pau, pau, pau, pau, pau-lo, Pau...

O sucesso foi tão grande que o Francisco, quando eu parecia esquecido, lá me avisava: “Ó avô, hoje não contas uma história” (ou “hoje não rezas”)?

A dada altura, em que o pai estava no estrangeiro, pergunto eu à Joana em que cidade é que ele se encontrava. Resposta pronta: “Em Antioquia” (mentira)!!! Como Nosso Senhor Jesus Cristo (e Paulo, e Barnabé, etc.) se deve rir às gargalhadas com estas brincadeiras!

Voltemos ao Francisco – não o meu neto, mas o saudoso Papa. Li isto no *7Margens* de 22 de maio p.p.: “No livro *O Louco de Deus no Fim do Mundo*, Javier Cercas conta o seu diálogo com Lucio Brunelli, vaticanista reformado, um dos amigos de Francisco em Roma, que lhe reproduz uma frase do anterior Papa: ‘O sentido de humor é a expressão humana que mais se parece com a graça divina.’”



O sentido de humor de Deus...

Também outro Francisco, agora mais conhecido por Leão, na recentíssima Encíclica *Magnifica Humanitas*,

diz que a Doutrina Social da Igreja “identifica caminhos adequados para viver, **com alegria** e ao serviço do mundo, um límpido testemunho cristão” (n.º 3).

Voltemos a junho, este mês que agora iniciamos. Que bom termos santos a dançar depois do furacão do Espírito Santo. Não será isto um sinal para sermos mais alegres, bem-dispostos e brincalhões? E como tantas vezes um fino e cirúrgico apontamento humorístico não *quebra o gelo* e resolve situações tendencialmente tensas em reuniões, encontros e desencontros! E como é tão agradável ouvir um presbítero, numa homilia, mostrar esse apurado sentido de humor, até fazendo rir a assembleia dos convocados! Às tantas, este mês de junho, sem nos apercebermos, até nos dá pistas “bem-dispostas” para o ano inteiro...

E, seguramente, a Palavra de Deus também as dá. Ainda no último domingo, Paulo começou logo por nos dizer “Irmãos: sede alegres”. E Jesus, em Mateus 10,8, noutra domingo (e todos os dias), lá nos dizia: «Recebestes de graça, dai de graça». E eu acrescento: “se possível, com *graça*”... 🙏





Magnifica Humanitas

Comissão Diocesana Justiça e Paz – Diocese de Coimbra

135 anos após a publicação de *Rerum Novarum*, a Carta Encíclica com que o Santo Papa Leão XIII procurou responder às feridas abertas pela industrialização, o Santo Papa Leão XIV, seguindo o seu pensamento, apresenta-nos a Carta Encíclica *Magnifica Humanitas*, novamente perante outra transformação social profunda e responder aos desafios trazidos pela inteligência artificial e as suas consequências para a vida humana, para o trabalho, para a justiça e para a paz.

A distância histórica é grande, mas perante um mundo que muda a uma velocidade que nos ultrapassa, cabe perceber que a urgência de ontem em defender a dignidade dos trabalhadores perante novas formas de exploração, hoje ganha um novo entendimento e relevo, sendo necessário garantir que a inovação tecnológica não dê origem a um mundo de exclusão, vigilância, precarização e domínio por parte de quem controla os dados e as grandes plataformas tecnológicas.

Por isso, a questão que nos coloca é clara: queremos erguer uma nova Torre de Babel, edificada enquanto cidade sem Deus, sem valores, sob o orgulho e a pretensão de se bastar a si próprio; ou queremos reconstruir as Muralhas de Jerusalém, enquanto cidade que renasce através do esforço coletivo, da harmonia que brota quando cada um assume a sua responsabilidade e coloca os seus talentos ao serviço de Deus e da humanidade?

É para responder a esta questão que a Doutrina Social da Igreja continua a ser profundamente atual. Temos de olhar para a vida concreta das pes-

soas, temos de olhar para o mundo a partir da dignidade (inviolável) da humanidade. Para a Comissão Diocesana Justiça e Paz da Diocese de Coimbra, esta Carta Encíclica vem dar alento ao trabalho já preconizado em torno da Doutrina Social da Igreja, defendendo que nenhuma sociedade pode chamar progresso àquilo que deixa pessoas para trás. Ademais, nenhuma inovação é verdadeiramente humana quando abre um fosso de desigualdades, criando disparidades entre quem detém poder e de quem é, no fundo, explorado.

Partindo do entendimento de que a inteligência artificial pode trazer importantes contributos, como ajudar a melhorar diagnósticos, apoiar processos educativos, facilitar tarefas e ampliar conhecimento, não podemos descurar que pode reproduzir injustiças, tornar invisíveis os mais vulneráveis, reduzir pessoas a dados, enfraquecer vínculos comunitários ou colocar métricas no lugar da dignidade humana.

Magnifica Humanitas convida-nos ao discernimento. Não nos pede que rejeitemos o futuro e que temamos a inteligência artificial, mas que o façamos norteado pelos princípios de justiça social, do bem comum, da paz, da solidariedade e da subsidiariedade.

Num tempo marcado por guerras, pobreza, solidão, crise ecológica, migrações e novas formas de desigualdade, esta encíclica recorda-nos que a grandeza humana não está no poder de dominar, mas na capacidade de cuidar, de escutar com o coração aberto. Esta deverá ser, sim, a nossa bússola. 📍





CAMINHO SINODAL

TIAGO FREITAS

“Saudável e necessário que haja mulheres na formação dos seminários”

O sacerdote da Arquidiocese de Braga e docente da Universidade Católica Portuguesa considera que é necessário superar uma certa mentalidade de veneração de uma imagem sacralizada do padre. A Rede Sinodal em Portugal apresenta aqui o episódio 15 do podcast “No coração da esperança”.

© Foto Rede Sinodal em Portugal



“**N**o coração da esperança” é o nome da iniciativa em podcast da Rede Sinodal em Portugal. Apresentamos aqui o episódio numero 14 de uma parceria inovadora de comunicação que faz caminhar em conjunto *Diário do Minho*, *Voz Portuguesa*, *Correio do Vouga*, *Correio de Coimbra*, *A Guarda*, *7Margens*, *Rede Mundial de Oração do Papa* e *Folha do Domingo*.

Neste episódio o entrevistado é Tiago Freitas, sacerdote da Arquidiocese de Braga e docente da Universidade Católica Portuguesa. Publicamos

aqui as suas respostas às questões da Rede Sinodal em Portugal:

Acha que na implementação das conclusões do Sínodo pode vir a ser mais importante conservar a unidade do que ativar a mudança na Igreja?

Esse é um velho dilema. Na altura, Bento XVI refletia sobre a questão usando a palavra reforma, não é? Reforma ou na rutura, ou reforma na con-



tinuidade. Ele dizia sempre reforma na continuidade. Portanto, evitava... Não gostava da rutura. Mas não podemos esquecer o que ele diz: Reforma. Portanto, a reforma é uma mudança, e esse é que é o ponto. Porque se para haver diálogo nós bloqueamos os processos de reforma, então diria Francisco, alguma coisa não está bem. O processo de discernimento não está bem. Ou não escutamos o Espírito. E então, nesse sentido é que eu acho que a ideia da unidade ou do diálogo deve ser com franqueza exposta ao Espírito, porque pode também haver dentro da comunidade gente que aparentemente, ou que na realidade, esteja a bloquear as reformas, e nós, não querendo a rutura, somos infiéis ao espírito. Dou o caso de Paulo nas suas comunidades a Corinto, onde, por exemplo, quando começam no debate sobre quem é o verdadeiro líder. “Eu sou de Apolo, eu sou de Cefas, eu sou de Pedro, eu sou de Paulo.” Então Paulo poderia dizer: “Ok, pronto.” “Então vamos tentar encontrar aqui um meio termo.” “Somos todos de tudo e tal.” Não, ele seguiu um caminho completamente diferente. Nós somos de Cristo. E se queremos estar unidos a Cristo, este é que é o caminho, e o resto tem que ser purificado. Se alguém diz “eu não concordo que Cristo é a cabeça da Igreja”, então alguma coisa se passa e não é com a Igreja,

é com essa pessoa que está a bloquear. Portanto, eu acho que a unidade... Eu entendo. Por exemplo, para Bento XVI, foi muito duro pensar na altura na Fraternidade de São Pio X. Temos visto atualmente as dificuldades que não são meramente litúrgicas, mas que são teológicas, são eclesiais. E que, não obstante se permitir, por exemplo, a celebração do rito extraordinário, ainda assim subsistem graves problemas à unidade, entre os quais a autorização do Sumo Pontífice, um ponto inegociável, para a ordenação de novos bispos. E nada, atualmente, nada indica de que cumprirão aquilo que é a vontade da Santa Sé. E qual é o ministério de Pedro? É o ministério da unidade. Ora, para manter a unidade é preciso respeitar este princípio. Se não é respeitado, automaticamente, não podemos estar na unidade.

O relatório do grupo de estudo n.º 4 do Sínodo faz uma revisão da “Ratio Fundamentalis Sacerdotalis” em perspetiva sinodal e propõe uma maior participação de mulheres na formação nos seminários. Num ambiente desde sempre masculino, trata-se de uma mudança radical?

É radical na nossa conceção. Eu também confesso que tenho pena de quem está nas equipas

“NO CORAÇÃO DA ESPERANÇA” EM PARCERIA COM

Diário do Minho

Voz Portucalense

Correio do Vouga

CORREIO DE COIMBRA

7 | ARGENS

Folha do Domingo

A GUARDA

Rede Mundial de Oração de Papa

Rede Sinodal em Portugal

Créditos:
Áudio: Padre Guilherme na JMJ Lisboa 2023
Fotografias: Agência Ecclesia e Vatican Media



formadoras dos seminários, porque num curto espaço de tempo já tiveram o seu plano formativo... já foi posto em causa várias vezes. Ainda tinha uma Ratio, uma nova Ratio... Surge o Sínodo. Já é preciso uma nova Ratio, portanto nem dá tempo para estabilizar. Mas algumas coisas, de facto, quando nós olhamos com um certo distanciamento crítico, parecem-nos até talvez anacrónicas, não é? Porque, por exemplo, dizer hoje a um jovem que está no seminário, que tem 18 anos ou 19... Mas pensando outro modo: hoje em dia temos jovens que estão numa universidade civil e têm que ser autónomos. Têm que estar numa residência universitária, têm que cozinhar, têm que limpar, têm que ter liberdade para sair e têm que assumir as consequências das suas responsabilidades e interagem com todo o tipo de pessoas. Criar um ambiente hermético, quase um bloco operatório, que nada possa contaminar este grupo, uma espécie de casta eleita, isso é gerar um ambiente artificial que terá consequências reais no dia de amanhã. Incapacidades de relação com as outras pessoas, sejam elas homens ou mulheres, mas também com as mulheres, de poder dialogar, também de reconhecer o seu valor enquanto mulheres e enquanto pessoas exercendo funções na Igreja. Pensemos que só até há pouco tempo, por exemplo, no Conselho Económico, pudessem ter mulheres. Que até há pouco tempo atrás era só homens. Por alguma razão? Não, era o que era. Sempre se fez assim. E, nesse aspeto, acho que me parece muito saudável e necessário que haja mulheres na formação dos seminários. Como também parece saudável, mas isso não está na mão dos seminários, que nas turmas de teologia, pudéssemos ter leigas ou religiosas mulheres, também a fazer parte destas turmas de teologia, ou eventualmente de outras áreas do saber, de filosofia, que possam ter também algumas aulas de teologia, para criar um ambiente também normal. Normalizar aquilo que é a vida. Portanto, esta dimensão humana é, num bom sentido, normalizar a vida. Muita gente brinca dizendo que olha para alguns de nós, padres, e diz logo: “Este tem ar de padre, não é?” Eu não sei se isso é assim um elogio ou se já nós todos encarnamos inconscientemente uma persona que faz de nós pessoas, sei lá, *sui generis*, não é? Agora, a questão das mulheres, é evidente que é um pon-

to, mas creio que há vários outros. Desde logo, também o registo e o estilo de vida. Nós há pouco tempo, com dois amigos, o padre Pablo e o padre Paulo, conversávamos sobre o problema da saúde mental dos presbíteros com a Dra. Margarida Cordo, mas ouvindo, também lendo, outros psicólogos, eles diziam que este registo também normal de vida, de uma casa que cheire a casa, que tem o conforto de uma casa, é importante para o bem-estar da pessoa. Agora, quando nós olhamos para alguns seminários, onde até a estrutura das casas, casarões grandes, com quartos... Alas segmentadas, com pouco contacto entre as pessoas... Que inconscientemente pode estar a promover a individualidade de cada um, onde de vez em quando saem do quarto para participar em atividades comunitárias e depois regressam ao seu quarto. Estou a falar meramente na questão humana e é nisso que me parece que é importante incidir. Mas louvo e não invejo quem está nos seminários, porque sei que é de facto muito difícil encontrar e desenhar um modelo diferente de ser sacerdote para os tempos que se avizinham.


Uma Igreja sinodal está menos centrada no presbítero e mais na comunidade?

Uma Igreja sinodal, disse o Papa, tem como ponto de referência a teologia do Vaticano II, que é a categoria do povo de Deus. Portanto, uma Igreja sinodal é todo o povo de Deus. Creio que pode ser perigoso também dizer, inferiorizar ou colocar de lado os presbíteros para sobrevalorizar os leigos, numa espécie de tentativa de contrabalançar as coisas. Agora, mesmo já passados tantos anos, com 50 anos do Concílio Vaticano II, a verdade é que ainda não conseguimos passar mentalmente de uma Igreja hierárquica clerical para uma Igreja povo de Deus. E, nesse aspeto, creio que o Sínodo é uma consequência direta de um certo modelo de ser Igreja centrado no presbítero. Portanto, seria importante, já que Francisco diz que o Sínodo não é um evento, mas é parte da identidade da Igreja, que fosse mais um caminho real para nos ajudar a todos a nos convertermos a esse modelo de uma Igreja que é povo de Deus. Presbíteros? Talvez o lado onde é maior o esforço. Porque é toda a construção social, pessoal, eclesial, daquilo que é o presbítero. No outro dia, o padre Pablo fez-me pensar que quando se está na paróquia, muitas vezes



está-se sempre numa atitude oblativa. É sempre aquele que... Temos que estar sempre a dar, temos que estar sempre a orientar, temos que estar sempre disponíveis. Mas nós encarnamos muito esta pessoa, e às vezes em excesso noutras coisas, que é que somos nós que temos que decidir, temos que controlar, e isso as pessoas queixam-se. Mas também, por outro lado, pode haver leigos que também se sintam confortáveis nesse registo. Muitas vezes brinco, quando alguns até para saber se... Zeladores, não é? Se a flor vai ser branca ou amarela, é preciso perguntar ao padre: “Sr. padre, pomos a flor branca ou amarela?” Se me perguntassem a mim... Nem o jarro sei, quanto mais as flores? Quer dizer, cada um faça... Naquelas que são as suas sensibilidades, suas capacidades, força. Adiante, não é? E, por isso, também nos leigos, eu creio que é preciso sair desta mentalidade que foi construí-

da, que foram absorvendo inconscientemente de uma certa veneração de uma imagem sacralizada do padre, na qual o padre também eventualmente não se revê, mas que tantas vezes se sente refém dessa mesma imagem. Nalguns casos, quem quer ser normal sente-se refém, noutros dá jeito.

O padre Tiago Freitas, sacerdote da Arquidiocese de Braga, participou numa formação sinodal dedicada ao clero da diocese do Porto desenvolvendo o tema “Território, Missão e Comunidade: Itinerários para uma nova reconfiguração pastoral”. Foi nesse âmbito que deu uma entrevista ao podcast “No coração da Esperança” da Rede Sinodal em Portugal numa parceria com *Diário do Minho*, *Voz Portucalense*, *Correio do Vouga*, *Correio de Coimbra*, *A Guarda*, *Folha do Domingo*, *Rede Mundial de Oração do Papa e 7Margens*. 



NO CORAÇÃO DA ESPERANÇA

Episódio 15 - padre Tiago Freitas





LITURGIA

PALAVRA DE DEUS

X DOMINGO DO TEMPO COMUM

7 de junho de 2026

Ano A

Leitura da Profecia de Oseias Os 6, 3-6

Procuremos conhecer o Senhor. A sua vinda é certa como a aurora. Virá a nós como o aguaceiro de Outono, como a chuva da Primavera sobre a face da terra. «Que farei por ti, Efraim? Que farei por ti, Judá?» – diz o Senhor – «O vosso amor é como o nevoeiro da manhã, como o orvalho da madrugada que logo se evapora. Por isso os castiguei por meio dos Profetas e os matei com palavras da minha boca; e o meu direito resplandece como a luz. Porque Eu quero a misericórdia e não os sacrifícios, o conhecimento de Deus, mais que os holocaustos». Palavra do Senhor.

Salmo Responsorial Salmo 49 (50)

A quem segue o caminho recto darei a salvação de Deus.
ou: A quem procede retamente farei ver a salvação de Deus.

Leitura da Epístola do apóstolo São Paulo aos Romanos Rom 4, 18-25

Irmãos: Contra toda a esperança, Abraão acreditou que havia de tornar-se pai de muitas nações, como tinha sido anunciado: «Assim será a tua descendência». Sem vacilar na fé, não tomou em consideração nem a falta de vigor do seu corpo,

pois tinha quase cem anos, nem a falta de vitalidade do seio materno de Sara. Perante a promessa de Deus, não se deixou abalar pela desconfiança, antes se fortaleceu na fé, dando glória a Deus, plenamente convencido de que Deus era capaz de cumprir o que tinha prometido. Por este motivo é que isto «lhe foi atribuído como justiça». Não é só por causa dele que está escrito «Foi-lhe atribuído», mas também por causa de nós, que acreditamos n'Aquele que ressuscitou dos mortos, Jesus, Nosso Senhor, que foi entregue à morte por causa das nossas faltas e ressuscitou para nossa justificação. Palavra do Senhor.

Aleluia Lc 4, 18

O Senhor enviou-me a anunciar o evangelho aos pobres e a liberdade aos oprimidos.

Evangelho segundo São Mateus Mt 9, 9-13

Naquele tempo, Jesus ia a passar, quando viu um homem chamado Mateus, sentado no posto de cobrança dos impostos, e disse-lhe: «Segue-Me». Ele levantou-se e seguiu Jesus. Um dia em que Jesus estava à mesa em casa de Mateus, muitos publicanos e pecadores vieram sentar-se com Ele e os seus discípulos. Vendo isto, os fariseus diziam aos discípulos: «Por que motivo é que o vosso



Mestre come com os publicanos e os pecadores?». Jesus ouviu-os e respondeu: «Não são os que têm saúde que precisam de médico, mas sim os doen-

tes. Ide aprender o que significa: 'Prefiro a misericórdia ao sacrifício'. Porque Eu não vim chamar os justos, mas os pecadores». Palavra da salvação. 📖



LITURGIA DIÁRIA
liturgia.pt/liturgiadiaria/



NEM SÓ DE PÃO

COMENTÁRIO À LITURGIA DOMINICAL

P. ANDRÉ SEQUEIRA



«Jesus ia a passar quando viu um homem chamado Mateus» (Mt 9,9)

Amor à primeira vista! Poderíamos dizer assim. Mas, na verdade, é muito mais do que isso. No Evangelho de hoje, tudo começa com o olhar de Jesus. Antes de Mateus falar, antes de se justificar, antes mesmo de reconhecer os seus pecados, Jesus já o tinha visto. E naquele olhar estava já presente a misericórdia de Deus.

A Palavra de Deus deste domingo oferece-nos uma das frases mais belas e consoladoras de todo o Evangelho: «Não são os que têm saúde que precisam de médico, mas os doentes. Eu não vim chamar os justos, mas os pecadores.»

Estas palavras revelam-nos o coração de Deus. Muitas vezes imaginamos um Deus distante, exigente, atento apenas aos nossos erros. Pensamos que Deus ama sobretudo os perfeitos, os santos, aqueles que nunca falham. Mas Jesus mostra-nos precisamente o contrário. Aproxima-se dos que todos evitam. Senta-se à mesa com os pecadores. Conversa com aqueles que eram considerados indignos. Olha para Mateus, o cobrador de impostos, e vê nele não apenas aquilo que ele era naquele momento, mas aquilo que podia vir a ser. Porque Jesus não vê apenas o nosso passado, vê também o nosso futuro. Não vê apenas as nossas quedas, vê a graça que pode levantar-nos. Não vê apenas os nossos pecados, vê o filho ou a filha amada que continua a habitar em cada coração.

O próprio evangelista refere que Jesus entrou em casa de Mateus e sentou-se à mesa com ele. É um detalhe cheio de significado. Jesus não co-

meça por fazer um interrogatório nem exige explicações. Não apresenta uma lista de acusações. Primeiro oferece a sua presença, a sua amizade, a sua proximidade. Mateus descobre quem é Deus não através de longos discursos, mas através da convivência com Jesus. Aprende quem é o Senhor partilhando a mesa, caminhando ao seu lado, escutando as suas palavras e contemplando os seus gestos. O conhecimento de Deus nasce do encontro. Antes de ser uma doutrina, é uma relação, antes de ser uma obrigação, é uma experiência de amor.

No passado Domingo da Santíssima Trindade contemplávamos o Deus revelado a Moisés, não um Deus duro como as pedras da Lei, mas «um Deus cheio de misericórdia e fidelidade» (Ex 34,6), um Deus clemente e compassivo, paciente e rico em bondade. Essa mesma imagem reaparece hoje na profecia de Oseias. Deus declara: «Eu quero a misericórdia e não sacrifício.» (Os 6,6). Com estas palavras, o Senhor não despreza o culto nem a oração. O que Ele rejeita é uma religião feita apenas de ritos exteriores, sem amor, sem compaixão e sem conversão do coração. Jesus retoma precisamente esta passagem para responder aos fariseus. Eles conheciam as Escrituras, mas ainda não tinham compreendido o coração de Deus. Sabiam oferecer sacrifícios, mas tinham dificuldade em acolher as pessoas. Cumpriam a Lei, mas faltava-lhes a misericórdia.

Também nós corremos esse risco. Podemos participar na Missa, rezar muitas orações, cum-



prir os nossos deveres religiosos e, ao mesmo tempo, guardar julgamentos duros, ressentimentos ou indiferença para com os outros.

Por isso, hoje Jesus recorda-nos que a verdadeira medida da nossa fé é a capacidade de amar e de perdoar. O olhar de Jesus transforma os nossos olhares, o seu coração transforma o nosso coração. Quanto mais nos aproximamos d'Ele, mais aprendemos a olhar os outros não pelas suas falhas, mas pela dignidade que Deus lhes concedeu. Conhecer Deus é aprender a ver como Ele vê e a amar como Ele ama.

Para entendermos melhor partilho esta história: Conta-se que um homem visitou a oficina de um oleiro. Enquanto observava o trabalho, viu um vaso cair ao chão e partir-se em vários pedaços. Pensou imediatamente que o artesão o iria deitar fora. Mas o oleiro recolheu cuidadosamente os fragmentos, voltou a trabalhá-los e, com paciência, moldou um vaso ainda mais belo.

Intrigado, o visitante perguntou:

-Porque não o deitou fora?

O oleiro respondeu: -Porque eu não vejo apenas os pedaços. Vejo aquilo que ele ainda pode vir a ser.

Assim faz Deus connosco. Nós vemos os nossos erros, os nossos fracassos e as nossas limitações. Deus vê sempre uma possibilidade de recomeço. Nós vemos feridas, Deus vê oportunidades de cura. Nós vemos portas fechadas, Deus continua a abrir caminhos. Mateus era desprezado por muitos dos seus contemporâneos. No entanto, Jesus olhou para ele e disse apenas: "Segue-Me." E aquela simples palavra mudou a sua vida para sempre.


Caríssimos irmãos, estai atentos ao Cristo que continua a passar pela vossa vida. Passa nos lugares simples do quotidiano: no trabalho, na escola, na universidade, na família, nos encontros e desencontros de cada dia. Passa quando tudo corre

bem e passa também quando a vida parece sem rumo. Passa e olha-nos. Olha-nos com simpatia e ternura. Olha-nos sem desprezo, sem condenação, sem humilhação. E continua a chamar-nos. Por vezes pede-nos que abandonemos certas seguranças, que mudemos de caminho, que deixemos para trás hábitos ou escolhas que nos afastam d'Ele. Nem sempre é fácil. Mas quem se deixa conduzir por Cristo acaba por descobrir que nada se perde quando se ganha o seu amor.

Há momentos em que o desânimo chega. Há momentos em que erramos e nos sentimos indignos. Há momentos em que pensamos que já não somos capazes de recomeçar. Contudo, o Evangelho de hoje garante-nos que nenhuma situação é definitiva quando Deus entra na nossa história. Por isso, esta Palavra convida-nos a nunca desistir de ninguém. Não desistir dos filhos. Não desistir dos pais. Não desistir dos amigos. Não desistir daqueles que se afastaram da fé. E, sobretudo, não desistir de nós próprios. Porque Deus nunca desiste dos seus filhos.

Talvez hoje o Senhor nos peça três atitudes concretas: olhar os outros com misericórdia e não com julgamento; dar uma nova oportunidade a quem errou; acreditar que Deus continua a escrever direito nas linhas tortas da nossa vida. O mundo precisa de menos juizes e mais de corações que saibam acolher, compreender, acompanhar e amar.

Mateus levantou-se e seguiu Jesus. Também nós somos chamados a levantarmo-nos das nossas quedas, dos nossos medos, das nossas desculpas e das nossas acomodações. Cristo continua a passar pela nossa vida. Continua a fixar sobre nós o mesmo olhar que pousou sobre Mateus. Continua a repetir, com firmeza e ternura: «Segue-Me.»

Que tenhamos a coragem de responder com generosidade. E que, ao contemplarmos o rosto misericordioso de Cristo, aprendamos a viver aquilo que Deus mais deseja de nós: «Prefiro a misericórdia ao sacrifício.»  **Ámen.**



CÂNTICOS

XI DOMINGO DO TEMPO COMUM

14 de junho de 2026

Ano A

*O que cantamos em:***MIDÕES**Com o contributo de
✍ *Ana Paula Neves***Entrada**

Povo de Reis (L. Deiss)

Apresentação dos dons

A messe é grande (C. Silva)

ComunhãoO Senhor enviou os seus
discípulos (A. Cartageno)**Pós-comunhão**Jesus olhou para a
multidão (F. Santos)**Final**

Ide por todo o mundo (M. Luís)

SEIXO DE MIRACom o contributo de
✍ *Margarida Oliveira***Entrada**

Povo de Reis (L. Deiss)

Apresentação dos dons

A messe é grande (C. Silva)

ComunhãoO Senhor enviou os seus
discípulos (A. Cartageno)**Pós-comunhão**Jesus olhou para a
multidão (F. Santos)**Final**

Ide por todo o mundo (M. Luís)

SOURECom o contributo de
✍ *Jorge Sousa Pereira***Entrada**Escutai, Senhor a voz
| CNL 416**Apresentação dos dons**Bendito sejas, senhor,
nosso Pai | CNL 254**Comunhão**O Cordeiro de Deus
é o nosso Pastor | CNL 674**Pós-comunhão**

A messe é grande | CNL 145

FinalIde por todo o mundo
| CNL 537

CNL - Cantoral Nacional Liturgia





AGENDA

DIOCESE

4
JUN. MISSA E PROCISSÃO DO CORPO DE DEUS

17h00.

5
JUN. **FÓRUM** DE SAÚDE MENTAL PARA JOVENS

REUNIÃO DE SECRETARIADOS,
COMISSÕES E SERVIÇOS DIOCESANOS

10
JUN. ASSEMBLEIA DIOCESANA
DO RENOVAMENTO CARISMÁTICO

Centro Pastoral de Cantanhede, a partir das 10h00.

12
JUN. ASSEMBLEIA DIOCESANA DO CLERO

13e14
JUN. BÊNÇÃO DAS PASTAS

Eucaristia às 11h00, presidida pelo Bispo de Coimbra.

19
JUN. INAUGURAÇÃO EXPOSIÇÃO “CALHAU ROLADO”

Museu da Pedra, Cantanhede - 17h00.



26
JUN. VERDADE PARTILHADA - INICIATIVA DO SECRETARIADO
DIOCESANO DA PASTORAL DA CULTURA

Jardim do Seminário Maior.

28
JUN. ORDENAÇÃO

Sé Nova, às 16h00.

NACIONAL

5e6
JUN. **I CONGRESSO INTERNACIONAL**
DE ESPIRITUALIDADE EM CUIDADOS PALIATIVOS

Bragança.

5a7
JUN. **V JORNADAS DE LONGEVIDADE**
E DESENVOLVIMENTO HUMANO INTEGRAL

Domus Carmeli, Fátima.

10
JUN. PEREGRINAÇÃO NACIONAL DAS CRIANÇAS - FÁTIMA

VATICANO

6e12
JUN. PAPA VISITA ESPANHA E ILHAS CANÁRIAS

4
JUL. **VISITA PASTORAL DO PAPA LEÃO XIV A LAMPEDUSA**



O grande espaço diocesano de reflexão partilhada
a partir da fé sobre os acontecimentos eclesiais,
a vida das comunidades e a cultura atual.

CORREIO DE
COIMBRA
Semanário da Diocese de Coimbra

VISITE-NOS EM WWW.CORREIODECOIMBRA.PT